

## **EDUCAÇÃO SEXUAL E O ARCO DE MAGUEREZ: OFICINA PEDAGÓGICA PARA TRABALHAR INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST) E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS**

Maria Heloisa Rodrigues da Silva<sup>1</sup>  
Rivete Silva de Lima<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma oficina didática para tratar sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e os métodos contraceptivos, tocantes a Educação Sexual, com 13 estudantes da 2ª série do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino localizada em João Pessoa-PB. A proposta da oficina foi estruturada a partir da metodologia do Arco de Magueretz, desenvolvida inicialmente por Charles Magueretz, mas posteriormente adaptada por outros estudiosos da metodologia. A aplicação do arco, de forma geral, consiste na contextualização de um determinado problema de estudo, a partir do desenvolvimento de cinco etapas bem definidas, com o objetivo de expandir discussões, com base teórica apropriada, de problemas reais da sociedade. A realização da oficina possibilitou uma discussão com os estudantes sobre a construção sociocultural da sexualidade, além de adentrar em questões de corpo, orientação sexual e diversidade, indo além das temáticas propostas inicialmente. Além disso, a dinâmica realizada em sala de aula evidenciou o protagonismo dos estudantes frente as temáticas com contextos próximos a realidade vivenciado pelos estudantes, fato que demonstra a possibilidade de realização de atividades dinâmicas capazes de articular a efetivação de práticas pedagógicas diferenciadas com discussões pertinentes sobre temáticas sociais importantes que dialogam dentro do contexto educacional.

**Palavras-chave:** Adolescência e sexualidade, Oficina pedagógica, Ensino de Biologia.

### **INTRODUÇÃO**

O campo da Educação Sexual (ES) é caracterizado por possibilitar a articulação dos aprendizados adquiridos por parte dos indivíduos através das relações estabelecidas nos ambientes em que vivem e, enquanto área do conhecimento possibilita a discussão sobre a relação existente entre educação, saúde e a própria construção sociocultural do que se entende por sexualidade. Para Marola, Sanches e Cardoso (2011), a ES visa trazer argumentos que sejam vislumbrados como evidências para a compreensão da sexualidade como algo existente e predominante no aspecto histórico-cultural. Desta forma, pode ocorrer em diferentes cenários, abrangendo tanto os contextos ditos informais, considerando como referência o ambiente

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, UFPB - bioheloisarodrigues@gmail.com;

<sup>2</sup> Professor Orientador: Titular da Universidade Federal da Paraíba, UFPB - rivete@dse.ufpb.br

familiar, quanto o formal, ao ser compreendida enquanto prática pedagógica desenvolvida no ambiente escolar.

As práticas que abrangem a ES em sala de aula, por sua vez, perpassam um discurso formulado a partir de um viés tendencioso e, quase que exclusivamente, repressivo. Isto é, como a "repressão e a condenação do sexo levaram a falta de conhecimento do próprio corpo e do comportamento sexual, esses fatores contribuíram para a marginalização dessa temática" (DOBLAS *et al.*, 2018, p. 394). Como consequências negativas, desencadeou o aumento de casos de infecções sexualmente transmissíveis (IST) como revelado por Spindola *et al.* (2021, p. 2684) ao informarem "que cerca de 25% das infecções são diagnosticadas em indivíduos com idade inferior a 25", afetando diretamente a população mais jovem. Doblas *et al.* (2018) em concordância com Altman (2020), afirmam que:

Hoje, como forma de conter a proliferação de casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o aumento de casos de gravidez entre adolescentes, as preocupações com a orientação sexual na escola foram intensificadas, e a educação sexual que antes era transmitida dos pais para os filhos, passou também a ser de responsabilidade escolar. (ALTMAN, 2020; DOBLAS; 2018, p. 394-395)

Segundo Spindola *et al.* (2021), a abordagem da ES na escola é um recurso para a desconstrução de tabus e desinformações a respeito da sexualidade, pois representa uma interpretação contemporânea de apreensão social acerca das manifestações sexuais que, com o passar do tempo, se tornaram mais frequentes entre os jovens e adolescentes. Para tanto, a intenção de discutir sobre questões sexuais no contexto do ensino escolar, até os dias atuais, é percebido como um desafio para os profissionais da educação, uma vez que a condução do diálogo deve considerar as diferentes opiniões e preceitos morais dos estudantes e professores a respeito da temática, esta comumente composta por ideais conservadores ou por um entendimento da sexualidade como meramente relacionada a aspectos biológicos e construídas de acordo com a realidade das relações heterossexuais.

Sobre isso, Vieira e Matsukura (2017) ao estudarem as concepções e práticas de professores, de escolas públicas de um município do interior de São Paulo, voltadas ao ensino de Educação Sexual, concluíram que o modelo está pautado principalmente no que denominaram "modelo biológico-centrado e preventivo". 60% dos professores e professoras ainda centram as informações referentes a ED nas questões de gravidez e métodos contraceptivos.

Contudo, para que ocorra uma efetiva compreensão sobre a ES, faz-se necessário o estabelecimento de um diálogo com os estudantes sobre questões de saúde sexual, informando

que esse assunto está atrelado ao entendimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a importância do conhecimento acerca dos métodos contraceptivos. Nesta direção, discutir a respeito das diferentes formas de expressar a sexualidade, bem como a articulação destas com as questões de gênero, permite a ampliação da visão dos estudantes sobre a real intenção de abordar as temáticas que estão inseridas no campo da ES de forma inclusiva em sala de aula.

A utilização de uma abordagem dinâmica que prioriza, sobretudo, a participação ativa dos alunos, permite o estabelecimento de um diálogo construído em articulação com o respeito às diferenças em todas as esferas. No que tange à importância deste diálogo sobre ES em sala de aula, como afirmam Cassiavillani e Albrecht (2023), uma perspectiva integral possibilita reflexões sobre questões que envolvem o corpo, prazer, saúde e diversidade, que objetiva combater possíveis violências a partir do incentivo ao autoconhecimento e do respeito com o outro.

A adolescência é a fase da juventude que, segundo Spindola *et al.* (2021), está marcada por momentos de experimentação e de estruturação da identidade, o que faz os indivíduos passarem por situações de desenvolvimento e/ou enfrentamento às crenças que organizam as possibilidades sexuais-afetivas. Assim, por representar o período de transição entre a infância e a fase adulta, é marcada por momentos em que os indivíduos passam a acessar uma gama de informações a respeito das mais variadas questões, dentre elas as que envolvem os aspectos sexuais. Por isso, facilmente as informações acessadas podem ser distorcidas ou conter vagas explicações a depender da fonte e, por se tratar de um assunto visto como vergonhoso por grande parte das pessoas, dificilmente será elencado em forma de dúvidas e bem esclarecido no ambiente familiar e/ou escolar.

Diante dessa perspectiva, por se configurar como uma ação desafiadora as abordagens relacionadas a ES, o presente trabalho teve por objetivo propor a construção de uma oficina didática capaz de promover a efetividade da prática pedagógica que circunda a ES, ao trabalhar o entendimento da temática das IST e dos métodos contraceptivos de forma articulada e contextualizada em sala de aula.

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

O presente trabalho foi realizado na escola EEEFM Professora Antônia Rangel de Farias, localizada em João Pessoa-PB, na qual foi desenvolvida uma oficina pedagógica sob o tema "Infecções sexualmente transmissíveis (IST) e métodos contraceptivos" com uma turma de 2ª série do Ensino Médio Regular, composta por 13 estudantes. Além disso, vale salientar

que o desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante a execução do Programa Residência Pedagógica (PRP) do subprojeto Biologia *Campus* I da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. A metodologia utilizada como pressuposto teórico-metodológico para o desenvolvimento do trabalho relatado, foi o método do Arco de Magueréz, proposto inicialmente por Charles Magueréz (1966) e, posteriormente, aprimorada por Bordenave e Pereira (1982), em seguida por Berbel (1999).

Baseado nas cinco etapas que caracterizam o arco, o desenvolvimento da oficina partiu da disponibilidade prévia, em sala de aula, de uma caixa para que fossem depositadas perguntas anônimas para nortear o diálogo a ser construído durante a realização das diferentes etapas da atividade, sendo cada momento conduzido da seguinte forma:

- (1) Observação da realidade — Uso de recursos audiovisuais em articulação com o incentivo às discussões sobre a construção sociocultural do que se compreende por sexualidade. Em seguida, apresentação de fichas contendo imagens representativas de diferentes métodos contraceptivos, sintomas, agentes infecciosos, tratamento, prevenção das infecções e as diferentes formas de interação social;
- (2) Elaboração dos pontos-chaves — Preenchimento de ficha objetivando o reconhecimento dos principais tópicos presentes nas imagens observadas na etapa anterior, bem como o compartilhamento de dúvidas a respeito das figuras;
- (3) Teorização do problema — Compartilhamento de um vídeo relatando a realidade de uma pessoa que vive com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), mas que não desenvolveu a AIDS, para explicar a diferença entre os dois. Posteriormente, distribuição de ficha contendo informações referente aos dois tipos de infecções, para discussão de forma aprofundada, o HIV e o Papilomavírus Humano (HPV);
- (4) Hipóteses de solução — Formulação de estratégia para divulgação do conteúdo da oficina;
- (5) Aplicação à realidade — Produção de materiais para divulgação da temática e, por fim, exposição das produções no ambiente escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A oficina apresentou um resultado satisfatório, diante da participação dos estudantes, desde o momento anterior à sua realização. Isto é, prévio ao momento da oficina em si, foi disponibilizada uma caixa de perguntas anônimas na sala da turma, e os estudantes foram informados sobre o que se tratava. Segundo Figueiredo e Mota (2021), a "caixa anônima" é

uma ferramenta eficaz para abordar assuntos que convém à ES, devido às discussões sobre esse tema ainda causa muita polêmica, em decorrência dos tabus que são expressos socialmente. Assim, a ideia da caixa era que os estudantes depositem questionamentos ou relatem experiências, sem que se sintam expostos e constrangidos. Em face disso, a caixa permitiu a coleta de dúvidas que os estudantes gostariam de tratar a respeito dos assuntos de ISTs e/ou métodos contraceptivos.

Através da caixa, foram coletados questionamentos como: “*Quais são as chances de engravidar com o líquido pré-ejaculatório?*”; “*Existe chance de engravidar tomando anticoncepcional e ter uma relação sem preservativo?*”; “*Quais as principais ISTs que infectam a população?*”; “*O que são ISTs silenciosas?*” e “*Como as ISTs podem ser transmitidas?*”. Os questionamentos, de forma geral, fundamentaram o andamento da oficina por possibilitar a inserção das dúvidas dos estudantes durante a condução da atividade.

Analisando precisamente às duas primeiras questões, foi possível identificar a preocupação por parte dos jovens no que está atrelado às práticas sexuais e a questão da gravidez na adolescência, temática pouca discutida no ambiente escolar e que, quando mencionada, é sob um viés repressor em que “a abordagem da gravidez como patologia se concretiza nos espaços educacionais em discursos disciplinadores” (MARTINI; GREGIS; JARDIM, 1999, p. 541) caracterizando-se como algo desestimulante, ao invés de esclarecedor e conscientizador.

### **Realização da oficina**

A priori, a esquematização da oficina seguiu as etapas delimitadas pelo arco de Magueréz, metodologia de problematização que é “utilizada em situações nas quais os temas estejam relacionados com a vida em sociedade” (PRADO *et al.*, 2012, p. 173) e que possui como foco principal o incentivo ao protagonismo estudantil e a valorização do conhecimento discente. Para o momento inicial, intitulado observação da realidade, foi marcado por ações que tinham por objetivo expor aos estudantes a realidade da construção sociocultural da sexualidade e valorização das diferentes expressões sexuais através, sobretudo, do diálogo de forma desmistificada sobre questões de gênero, corpo, orientação sexual e as IST, uma vez que “o estigma que recai sobre homossexuais pode manifestar-se de várias maneiras: uma delas vincula a sexualidade à transmissão de doenças” (LOPES, 2021, p. 50128).

Os recursos audiovisuais, por sua vez, culminaram em uma maior aproximação entre os estudantes e a etapa inicial da oficina, sendo administrada da seguinte forma: (1) Interpretação da letra da música “O tempo não pára” de Arnaldo Brandão e Cazuza, como referência na luta contra o preconceito com relação à diversidade; (2) Exposição de um trecho da série *Sex*

*Education*, momento que permitiu o estabelecimento de um diálogo sobre a importância de trabalhar ES em sala de aula de forma respeitosa e inclusiva; (3) Compartilhamento de fichas contendo imagens representativas de diferentes métodos contraceptivos, sintomas, agentes infecciosos, tratamento, prevenção das infecções e as diferentes formas de interação social, materiais fundamentais para o desenrolar da etapa consecutiva.

A elaboração dos pontos-chaves, segunda etapa do arco de Maguerez, conduziu ao preenchimento de fichas contendo as seguintes questões: (1) “O que vocês identificam a partir dessas imagens? Quais palavras podem representar o que vocês visualizam?”; e (2) “Quais dúvidas ou curiosidades vocês têm em relação ao que está sendo apresentado nas imagens?”. Para tanto, a respeito do primeiro questionamento, os estudantes indicaram “*métodos contraceptivos, como anticoncepcionais, diu e camisinha*”, “*os vírus e os possíveis sintomas desencadeados*”, “*os testes e as formas de prevenção de determinadas ISTs*”; e “*diferentes relações afetivas*”, estas diferentes formas de relações foram identificadas como naturais dos seres humanos.

Assim, a articulação entre o conteúdo da oficina e as imagens apresentadas possibilitou a compreensão acerca das expressões da diversidade, seja dos indivíduos ou em torno das questões de sexualidade, pois “num contexto em que as trajetórias e as experiências sexuais se diversificam e pluralizam, elas tornam-se um importante fundamento da individualidade” (NEVES, 2019, p. 7). Não obstante, para as diversas ISTs e os métodos contraceptivos enquanto formas de prevenção e questão de saúde.

Dentre as dúvidas inseridas no segundo questionamento, a pergunta “*AIDS leva a óbito, mesmo com tratamento?*” fundamentou o andamento da terceira etapa da oficina, representada como o momento da teorização. Para tanto, os estudantes assistiram a um vídeo relatando a história de uma pessoa que possui o vírus HIV, mas que não desenvolveu a AIDS. Este caso funcionou como ferramenta para evidenciar um contexto real, e expor uma realidade alternativa e discutir diretamente com o que Andreolli (2008) aponta, ao afirmar que pessoas soropositivas para o HIV enfrentam dificuldades e desafios em relação a estabelecer ou manter relações sexuais com seus parceiros e, apresentam medo de discriminação na revelação do diagnóstico ao parceiro.

Além disso, o uso de vídeos que à priori não são educativos, segundo Berk e Rocha (2019), mas que retratam a associação de situações científicas com o cotidiano do indivíduo, podem motivar os estudantes a se interessarem pelos assuntos científicos e, assim, assimilar com maior facilidade determinadas questões sociocientíficas. Assim, a análise do recurso audiovisual contribuiu para as discussões e reflexões sobre a importância da identificação

prévia das ISTs, realização de tratamentos adequados e, possivelmente, retardos quanto ao aparecimento de sintomas graves. Na sequência, cada grupo de alunos recebeu uma ficha contendo informações mais aprofundadas sobre o HIV e o HPV, estimulando o entendimento sobre as duas infecções e orientando a respeito das ações a serem desenvolvidas nas etapas seguintes.

O momento das hipóteses de solução consistiu na definição dos possíveis métodos de divulgação utilizados por cada grupo, como a produção de vídeos, postagens para as redes sociais e cartazes no formato de infográficos. Para tanto, através do estabelecimento de diálogo entre os grupos, houve a definição dos métodos de divulgação utilizados, escolheu-se esta que priorizou a posterior divulgação dos materiais no ambiente escolar, sendo os cartazes informativos a opção mais viável. Os cartazes, por sua vez, foram construídos com o intuito de divulgar as ISTs que foram elencadas na etapa da teorização, HIV e HPV.

Nesta direção, diversos materiais impressos foram disponibilizados para condução da etapa final, momento de aplicação à realidade, em que os alunos participaram através da construção dos cartazes contendo informações pertinentes sobre as duas infecções, dentre elas o entendimento do que é a infecção, quais os possíveis sintomas, tratamentos e prevenções. Por fim, a socialização das produções foi realizada, não apenas, entre os estudantes que participaram da proposta, mas também com toda comunidade escolar, através da exposição dos cartazes na área externa à sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estabelecimento de oficinas pedagógicas para trabalhar a temática sobre as ISTs e os métodos contraceptivos em sala de aula, atrelado a utilização das metodologias ativas, em especial o método da problematização do arco de Maguerez, consiste em uma ferramenta capaz de estimular a desconstrução de possíveis preconceitos, bem como o combate à desinformação e a consequente colaboração quanto a participação no processo de formação da identidade do sujeito, pautado em um viés crítico-social. Dessa forma, o uso de abordagens metodológicas diferenciadas e o auxílio de ferramentas audiovisuais, como vídeos, séries e músicas possibilita aos estudantes maior compreensão e aproximação dos conteúdos de estudo ao promover discussões de grande relevância, como os debates sociais atrelados a prática de sexo seguro e saúde coletiva.

Os apontamentos realizados por parte dos estudantes durante a condução da pesquisa, bem como os diálogos e interpretações realizadas ao decorrer de cada etapa, viabilizaram a



efetivação do processo de ensino-aprendizagem em consonância com a construção do conhecimento de forma colaborativa. Ademais, muitos são os desafios associados ao estabelecimento de práticas pedagógicas que objetivem trabalhar assuntos relacionados à ES, como também a sua aplicação prática em sala de aula.

Nesta direção, como mecanismo capaz de incentivar a implementação de ações educativas abordando temáticas que abrangem o campo da ES, faz-se necessário valorizar o papel do estudante enquanto protagonista das discussões conduzidas em sala de aula, identificando as possíveis contribuições e dúvidas a serem elencadas ao longo das discussões. Por fim, quanto a capacitação dos profissionais da educação para trabalhar com as temáticas que circundam a ES, é imprescindível a participação em programas voltados para a formação inicial e continuada que priorizem o incentivo quanto à utilização de estratégias de ensino capazes de contribuir positivamente para o processo de construção e compreensão dos conhecimentos sobre questões de corpo e saúde.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Rf revista Estudos Feministas**, 9(2), 575–585, 2001.

ANDREOLLI, A. **As pessoas que vivem com HIV/AIDS: uma revisão da literatura científica**. Dissertação (Especialização em Saúde Pública) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2008, 43f. BERK, A.; ROCHA, M. O uso de recursos audiovisuais no ensino de ciências: uma análise em periódicos da área. **Revista Contexto & Educação**, 34(107), 72–87, 2019.

CASSIAVILLANI, T.; ALBRECHT, MPS **EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS EM DIFERENTES CONTEXTOS POLÍTICOS**. **SciELO Preprints**, 2022.

DOBLAS, P. C.; VASCONCELOS, L. C.; BRITO, L. B.; SILVA, P. D.; ZANCHI, K.; WERNER, E. T. DIFERENTES FORMAS DE ABORDAR AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ÂMBITO ESCOLAR. **Experiências em Ensino de Ciências**, V.13, No.4, 2018.

FIGUEIREDO, F. A. V. S.; MOTA, E. F. Roda de conversa sobre educação sexual: desmistificando tabus, sensibilizando e aprendendo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – Edição online, 13. **Anais [...]**. Campina Grande: Editora Realize, 2021.

LOPES, P. de O. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença / HIV e AIDS, past and present: gays as a socialpresentation of the disease. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 7, n. 5, pág. 50122–50134, 2021.



MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 33, pp. 95-118, 2011.

MARTINI, J. G.; GREGIS, C.; JARDIM, L. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DA PRÁTICA DISCIPLINADORA À PEDAGOGIA LIBERTADORA. **Rev Bras Enferm** 1999; 52(4):539-46.

NEVES, D. M. Sexualidade: Saber e Individualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 27(2): e54146, 2017.

PRADO, M. L., VELHO, M. B., ESPÍNDOLA, D. S., SOBRINHO, S. H., BACKES, V. M. S. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. **Escola Anna Nery**, 16(1), 172–177, 2012.

SILVA, H. R. A. S.; SILVA, T. S.; MESQUITA, G. F.; CAVALCANTI, I. M. F. As Infecções Sexualmente Transmissíveis em livros didáticos de biologia do ensino médio: uma análise de conteúdo. Santa Maria: **Ciência e Natura**, v. 43, e43, 2021.

VIEIRA, P.M.; MATSUKURA, T.S.; Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, 22(69), 453–74, 2017.